

**TERMO DE REFERÊNCIA METODOLÓGICO
PARA A REALIZAÇÃO DAS
RODAS DE CONVERSA VIRTUAIS:
DIALOGANDO COM DOCENTES E
AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE (ACS)**

**Projeto Informações e Registros em Saúde para
a formação do Agente Comunitário de Saúde:
produção de e-book interativo - Programa Inova
Fiocruz - Produtos Inovadores, 2ª rodada**

SUMÁRIO

Contextualização	1
Termo de referência metodológico	4
Apresentação	5
1º Momento: Início do diálogo	8
2º Momento: As trocas	8
3º Momento: Fechamento	8
Perguntas-geradoras	9
História fictícia	12
Equipe do projeto	14
Referências bibliográficas	15

COMO CITAR ESTE DOCUMENTO:

LEANDRO, B. B. S.; PINTO, J. M. C.; LOPES, R. A. D.; RANGEL, J. F.; SANTOS, I. D. M.; FERREIRA, P. H. M.; MARTINS, F. N. Termo de referência metodológico para a realização das rodas de conversa virtuais: dialogando com docentes e Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Projeto Informações e Registros em Saúde para a formação do Agente Comunitário de Saúde: produção de e-book interativo - Programa Inova Fiocruz. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz. Fevereiro, 2021. Disponível em www.epsjv.fiocruz.br/informacao-registro-acs

CONTEXTUALIZAÇÃO

A produção deste termo de referência se insere com um dos produtos do projeto 'Informações e Registros em Saúde para a formação do Agente Comunitário de Saúde: produção de e-book interativo' vinculado ao Programa Inova Fiocruz, especificamente ao edital produtos inovadores (2ª rodada). O objetivo principal deste projeto é potencializar a discussão sobre a temática das informações e registros em saúde no processo de trabalho do Agente Comunitário de Saúde (ACS). Um dos seus objetivos específicos trata-se da elaboração de uma metodologia para a realização de encontros com ACS e docentes/pesquisadores de diferentes partes do Brasil envolvidos no processo de formação desses agentes. Estes encontros tem como propósito mobilizar a discussão do tema das informações e registros em saúde na formação e trabalho do ACS, possibilitando o levantamento de subsídios para a revisão do material-base do projeto (utilizado para a produção do e-book).

O desenho metodológico inicial propunha a realização desta atividade por meio de oficinas presenciais. Entretanto, devido ao contexto de pandemia pela Covid-19 e a interrupção das atividades presenciais no âmbito da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/Fiocruz) durante o ano de 2020, as oficinas presenciais foram substituídas por reuniões virtuais, no formato de roda de conversa, com ACS e docentes/pesquisadores de diferentes instituições e regiões do Brasil.

Desse modo, este material, intitulado 'Termo de referência', sistematiza os passos metodológicos realizados pela equipe do projeto para a realização das rodas de conversa, incluindo uma apresentação sobre a atividade, os roteiros de perguntas e uma história fictícia. A sistematização dos diálogos produzidos nas rodas realizadas será publicizada em um relatório específico.

O intuito da produção e publicização deste documento deve-se ao fato de a equipe do projeto compreender que a proposta metodológica elaborada pode ser utilizada e adaptada por outros profissionais em um contexto amplo de divulgação científica e de construção compartilhada do conhecimento.

“

Só existe saber na invenção,
na reinvenção, na busca inquieta,
impaciente, permanente,
que os homens fazem no mundo,
com o mundo e com os outros.
(FREIRE, 1993, p.58).

”

**TERMO DE
REFERÊNCIA
METODOLÓGICO**



APRESENTAÇÃO

O Agente Comunitário de Saúde (ACS) é um profissional de saúde de suma importância na Atenção Primária à Saúde (APS). Por assumir diferentes papéis no meio social tem capacidade de circular entre os diversos espaços, mediando as relações entre os serviços de saúde e a comunidade. Ele apoia a comunicação e a criação de vínculos entre as equipes e os usuários. Chega a ser considerado os “olhos” e os “ouvidos” da equipe de Saúde da Família no território. No Brasil, a maior parte dos profissionais agentes comunitários de saúde são mulheres, por isso, no decorrer do documento iremos nos referir as ACS. (Morosini e Fonseca, 2018).

Indica-se que as ACS sejam moradoras da comunidade assistida, a cada uma delas é atribuída uma microárea de atuação e, cabe a ela, conhecer o território e as famílias que lá vivem. Para isso, as ACS devem realizar visitas domiciliares periodicamente, tanto para cadastrar e conhecer os usuários quanto para orientar e informá-los dos serviços disponíveis, conhecer as necessidades de saúde (individuais e coletivas), realizar ações de educação e mobilização popular. Estas visitas podem levar em consideração critérios de risco e vulnerabilidade das famílias. As percepções das ACS são fundamentais para a compreensão da situação de saúde-doença no território, sendo repassadas à unidade básica de saúde, em diálogo permanente com os demais membros da equipe multiprofissional, sinalizando, inclusive, os casos em que devam ocorrer ações e cuidados especiais.

Há diversas atribuições e atividades que estão no escopo de atuação da ACS, dentre as quais salientamos: a elaboração do mapeamento institucional, social e demográfico das suas microáreas; a participação em ações educativas e de promoção da saúde; fomento da mobilização social, o desenvolvimento de ações de educação popular; e a análise e consolidação dos dados obtidos pelo cadastramento de modo a se ter um perfil da população sobre sua responsabilidade sanitária. Vale destacar que esses dados e informações são relevantes para se indicar prioridades e estruturar as ações de educação, prevenção de doenças e promoção da saúde. Destaque para o fato de que os profissionais de saúde produzem e/ou utilizam informações no cotidiano de seu trabalho para apoiar a ação a ser realizada, incluindo a ACS. (BRASIL, 2017).

Trata-se de uma rotina complexa com diversas atividades e responsabilidades, desse modo, a capacidade de entender a dinâmica territorial, como também os dados e informações que coleta e produz, são aspectos fundamentais para a reflexão e organização de seu processo de trabalho. No entanto, para que isso se desenvolva de um modo adequado, há diversos desafios, dentre os quais se devem citar a importância das ACS compreenderem e terem a possibilidade de discutir sobre sistemas de informações em saúde, a informação e o registro em saúde. Morosini e Fonseca (2018) lembram que a formação das ACS é outro desafio, sendo somente promovida após o o vínculo dessas profissionais com o Sistema Único de Saúde (SUS).

Além disso, tendo como horizonte a determinação social do processo saúde-doença, é preciso avançar na compreensão crítica de que a ACS é um sujeito produtor de informações e registros em saúde, fundamental para o desenvolvimento da APS, como também para orientar o seu próprio processo de trabalho.

Desse modo, avaliamos como pertinente que a ACS seja capaz de construir um diagnóstico informacional relacionado ao seu processo de trabalho, analisar e refletir sobre os dados e informações da situação de saúde de sua microárea e também seja capaz de manter e consultar os documentos (físicos ou digitais) que forem produzidos por ela no ambiente da unidade básica de saúde, no território e/ou nas visitas domiciliares. Trata-se de informações e registros que apoiam inclusive a sua atuação no território na perspectiva da promoção da saúde e mobilização popular. Ademais, esta compreensão ampliada das informações e registros em saúde para a formação e trabalho da ACS foi evidenciada na atualização das diretrizes e orientações para a formação do ACS por meio do Curso Técnico, a saber, consta em seu mapa profissional: Contudo, é preciso reconhecer também

que há uma racionalidade hegemônica que atribui o ‘lugar’ das informações e registros em saúde somente pelo aspecto instrumental, quantificável, técnico-administrativo e normativo. É preciso problematizar esta percepção no processo de trabalho para as ACS. Ou seja, o trabalho com os sistemas de informações em saúde e os registros em saúde e o seu sentido e significado para o trabalho das agentes comunitárias também é um local de disputa. Portanto, é necessário discutir o ‘rótulo’ atribuído as ACS como ‘agentes coletores de dados’, o que não condiz com o papel do sujeito produtor de informação. A coleta de dados é apenas uma das etapas do processo de trabalho das ACS e não deveria ocupar toda a sua carga horária laboral.

Levando esses aspectos em consideração, os profissionais do Laboratório de Educação Profissional em Informações e Registros em Saúde da EPSJV/Fiocruz entendem que seria oportuno ouvir as ACS e os docentes e/ou pesquisadores, de diferentes partes do Brasil, envolvidos na formação desses agentes, sobre a temática dos sistemas de informações e registros em saúde. Essa primeira escuta se desenvolveu por meio de reuniões virtuais, no formato de Rodas de Conversa.

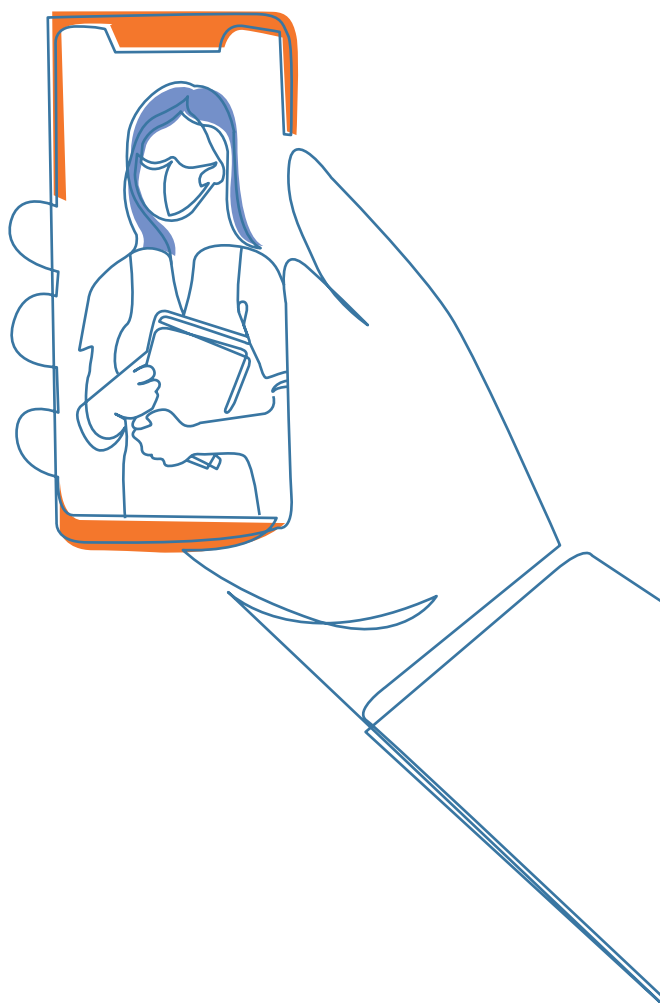
“

“Contribuir para o processo de produção e análise dos dados, informações e registros em saúde coletados e sistematizados durante o trabalho realizado nos domicílios, na microárea e na Unidade Básica de Saúde, tendo como referência as condições de vida da população”

O roteiro de perguntas apresentado neste documento foi pensado sob a perspectiva de compreender como o(a) docente/pesquisador(a) entende o seu processo de ensino-aprendizagem, buscando também relatos de sua experiência em sala de aula. A ideia é entender a forma pela qual se dá a formação do ACS sob o ponto de vista do docente/pesquisador, escutando vozes de diferentes regiões do Brasil. Além disso, as perguntas também buscam compreender como o/a ACS entende o seu próprio processo de trabalho, buscando relatos de sua experiência profissional, em especial, com a dimensão relacionada às informações e registros em saúde, identificando potências e barreiras desta temática.

A abordagem escolhida foi a roda de conversa, na modalidade virtual, por meio da qual o propósito central é trocar experiências. Foram elaboradas perguntas geradoras para apoiar a discussão. O tempo de cada roda de conversa foi estimado em torno de duas horas; embora possa ser alterado de acordo com as necessidades individuais.

Por fim, ressalta-se que todo o material colhido será melhor trabalhado para o desenvolvimento do e-book *'Informações e Registros em Saúde no trabalho do Agente Comunitário de Saúde'*. Todos os docentes, pesquisadores e ACS que participarem das atividades virtuais ou presenciais terão sua colaboração explicitada tanto no relatório síntese das rodas de conversa, como também no e-book. A elaboração deste material é vinculado ao Programa Inova Fiocruz - produtos inovadores.



ROTEIRO PARA A RODA DE CONVERSA VIRTUAL



1º MOMENTO: INÍCIO DO DIÁLOGO

Momento de apresentação de todos os participantes (nome, formação e área de atuação). Espaço dedicado também para a explicação de como funcionará a atividade, para a apresentação do projeto com os principais objetivos, produtos e desdobramentos e da proposta do e-book interativo. Para esta etapa foi elaborado um conjunto de slides síntese sobre o projeto.



2º MOMENTO: AS TROCAS

A opção pelo modelo roda de conversa deve-se ao fato de possibilitar um debate sobre um determinado tema, com o intuito de que as pessoas que estejam participando, possam se expressar de modo mais aberto, gerando um processo de aprendizagem coletiva. (Nascimento e Silva, 2009). Para a mobilização das rodas foi elaborado um conjunto de perguntas-geradoras que devem ser utilizadas como recursos disparadores da discussão de acordo com o desenvolvimento de cada roda. O método de roda de conversa também

foi utilizado tendo como orientação metodológica a perspectiva freireana de construção do conhecimento com base no diálogo e na proposição de um espaço que possibilite a reflexão crítica e o questionamento, tendo como perspectiva a experiência concreta dos participantes no processo de ensino-aprendizagem e/ou trabalho. (Zitkoski e Lemes, s.d.)

Foram elaborados três roteiros distintos. O primeiro para o diálogo com as/os ACS. O segundo para o diálogo com docentes e/ou pesquisadores que já tiveram envolvimento no processo de formação dos agentes. Por fim, o terceiro, foi utilizado com docentes e/ou pesquisadores que já tiveram contato com a formação ou trabalho do Agente Indígena de Saúde¹.



3º MOMENTO: FECHAMENTO

Neste momento, a atividade é encerrada, deve-se agradecer a todos os participantes, ressaltando que se trata do processo inicial de reestruturação do e-book. Com base no acúmulo de todas as rodas realizadas, o material base será revisto, adaptado, elaborado em uma versão digital para, posteriormente, ser novamente apreciado por todos que se envolveram e participaram das rodas de conversa. Após a realização de cada roda, os participantes terão acesso ao termo de referência utilizado para a realização da atividade.

¹ Apesar de não compor o escopo inicial deste Projeto, durante o seu desenvolvimento, foi feita a discussão sobre a atuação do Agente Indígena de Saúde com informações, registros e sistemas de informações. Por conta disso, estruturou-se um roteiro de questões específico para abordar este tema junto a docentes/pesquisadores que atuam ou já atuaram na saúde indígena.

PERGUNTAS-GERADORAS

ROTEIRO 1

Perguntas-geradoras para o diálogo com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS)	
Contextualização geral sobre a atuação do ACS	8. Você acha que os dados que você coleta nas fichas de informação são suficientes para o seu trabalho? Por quê?
1. Como é o seu trabalho como ACS? O que mais lhe agrada nesse processo? E quais são as dificuldades?	9. Como você vê o uso das tecnologias da informação e comunicação no seu processo de trabalho?
2. Na sua opinião, o que não poderia faltar (tópicos essenciais) para a formação do ACS?	10. Como você vê o tema da segurança dos dados e da informação no seu trabalho?
Elaboramos uma história fictícia que nos traz uma série de questões emblemáticas quando se trata dos sistemas de informação e/ou registros em saúde no trabalho do ACS. Gostaríamos de ler junto com vocês esse relato de caso. Pode ser?	Apresentação da estrutura base do e-book (principais conteúdos/ temas desenvolvidos)
3. Com base nessa história fictícia, o que mais chamou a sua atenção?	11. Qual a avaliação de vocês dessa estrutura? Está adequada? O que falta ou precisaria melhorar para a formação do ACS com as informações e registros em saúde?
4. Como você vê as informações e registros no seu processo de trabalho? Quais aspectos positivos você percebe? Quais são as barreiras/dificuldades?	
5. Como você realiza a coleta de dados na sua microárea? Vocês encontram algum problema nesse processo?	
6. Como você organiza os dados que coleta? (<i>tablet</i>, arquivo, pasta, caderno, computador, aplicativo etc)	
7. Após a coleta, o que você faz com a informação coletada? (dimensão do uso da informação)	



ROTEIRO 2

Perguntas-geradoras para o diálogo com docentes/pesquisadores envolvidos no processo de formação e trabalho do Agente Comunitário de Saúde (ACS)

Contextualização geral sobre a atuação junto à formação dos ACS

1. Há quanto tempo você atua na formação dos ACS? O que mais lhe agrada nesse processo?

2. Em sua opinião, quais as principais dificuldades encontradas durante o processo de formação dos ACS?

Diálogos sobre a temática das informações e registros em saúde na formação e trabalho do ACS

3. Elaboramos uma história fictícia que nos traz uma série de questões emblemáticas quando se trata dos sistemas de informação e registros em saúde no trabalho do ACS. Gostaríamos de ler junto com vocês. Pode ser? [Após a leitura] Dentre as situações apresentadas na história lida, qual você já teve experiência de lidar em sala de aula? Você poderia citar algum(ns) exemplos? Quais outros aspectos que esta história te faz pensar?

4. A partir da sua realidade, como ocorre o desenvolvimento dos conteúdos de informações, sistema de informação e/ou registros em saúde na formação do ACS? Qual é a sua avaliação sobre isso?

5. Dentro desse tema, se você tivesse que listar conteúdos norteadores importantes de serem discutidos junto aos ACS, quais seriam?

6. A partir da sua vivência, qual o grau de importância você acredita que os ACS atribuem aos sistemas de informação e/ou registros em saúde?

7. Você acredita que após as aulas sobre os sistemas de informação e/ou registros em saúde o processo de trabalho dos ACS tenha mudado? Como?

8. O que você acha da utilização de recursos eletrônicos para a formação do ACS? Quais cuidados se deveriam ter? Quais sugestões vocês fariam?

9. O que você acha da utilização de recursos eletrônicos no processo de trabalho do ACS? Quais cuidados se deveriam ter? Quais sugestões vocês fariam?

10. Sobre tudo o que conversamos, há algo que você queira relatar e que não tenhamos perguntado? O que você gostaria de comentar para contribuir com a construção do e-book?



ROTEIRO 3

Perguntas-geradoras para o diálogo com docentes e pesquisadores envolvidos no processo de formação e trabalho do Agente Indígena de Saúde (AIS)

Contextualização geral sobre a atuação junto à formação dos AIS

1. Há quanto tempo você atua na formação dos AIS? O que mais lhe agrada nesse processo?

2. Em sua opinião, quais as principais dificuldades encontradas durante o processo de formação dos AIS?

Diálogos sobre a temática das informações e registros em saúde na formação e trabalho do AIS

3. Na formação e/ou trabalho do AIS como você vê/viu a temática das informações e registros em saúde?

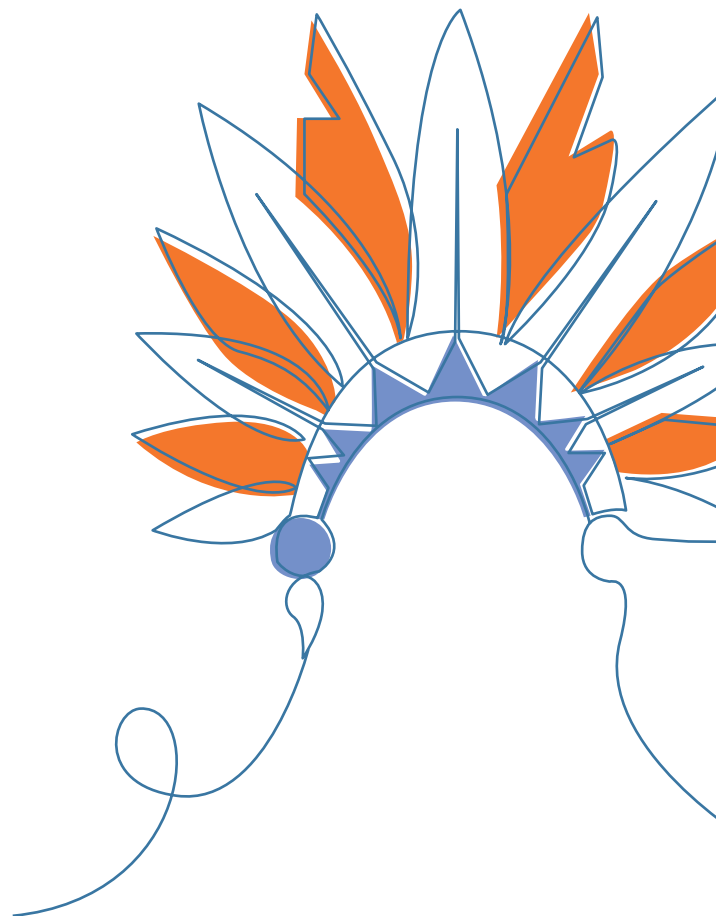
4. Você conhece o SIASI - Sistema de Informação de Atenção à Saúde Indígena? Se sim, poderia comentar sobre o funcionamento?

5. Os AIS utilizavam este sistema durante o processo de trabalho? Quais as dificuldades existentes com a sua utilização?

6. A partir da sua vivência, qual o grau de importância você acredita que os AIS atribuem aos sistemas de informação e/ou registros em saúde?

7. Você sabe como se dá o processo de coleta de dados e informações pelos AIS? Eles utilizam alguma tecnologia (*tablets*, aplicativos, etc.)?

8. Sobre tudo o que conversamos, há algo que você queira relatar e que não tenhamos perguntado? No que você gostaria de comentar para contribuir com a construção do e-book?



HISTÓRIA FICTÍCIA²

O CAMINHO DA INFORMAÇÃO EM DIVINÓPOLIS



Maria, Carlos e Sônia são ACS no município de Divinópolis. Um dia se encontraram em uma reunião na secretaria municipal de saúde e começaram a conversar sobre o trabalho em suas unidades:

Falou Maria:

- E aí Carlos, tudo bom? Como estão as coisas no trabalho?

Respondeu Carlos:

- Poxa, estamos sem fichas de cadastro para as atividades do e-SUS. Eu estou tendo que tirar xérox do meu bolso. Não é mole não...

- Poxa, eu tenho muitas na minha unidade, posso te dá algumas - Respondeu Maria.

- Pessoal, eu não vejo a hora da gente ganhar os nossos *tablets*... Parece que o Ministério da Saúde vai mandar dinheiro para incentivar a implementação nos municípios. - Disse Sônia.

- Ih mulher, com essa crise aí, duvido... - Apontou Maria.

Eles conversaram um pouco sobre o fato de não ganharem insalubridade

e, todos os dias, terem que ir andando debaixo do sol até a casa das pessoas para preencherem várias fichas de suas responsabilidades. Nesse instante, Carlos perguntou:

- Vocês têm conseguido preencher todos os dados das fichas?

Sônia respondeu:

- Ah, mais ou menos, tem coisa que não consigo coletar, pois a família não quer falar.

- Verdade. Além disso, tem informação importante sobre a família que eu tenho que anotar no meu caderno, pois não tem espaço na ficha... - Complementou Maria.

Sônia perguntou:

- E, quando chega na unidade de vocês, o que vocês fazem com a ficha? Eu não tenho espaço para guardar lá e tenho que levar para casa.

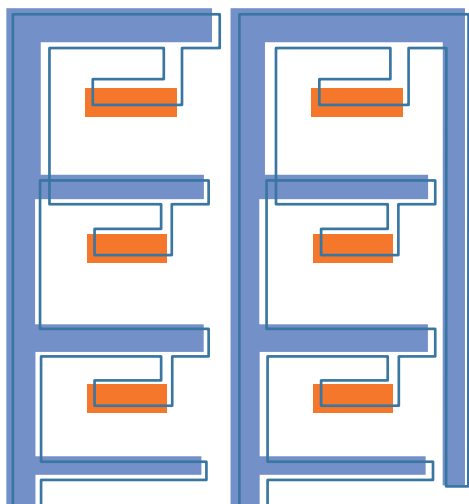
- Veja... Lá na minha unidade tudo é feito no papel, lá não tem computador. Então, eu sento com a enfermeira e a gente organiza os dados que são coletados para mandar para a secretaria.

² História fictícia construída pela equipe do Projeto com base no artigo de Cavalcante et al (2011).

A secretaria está sempre cobrando e não importa a qualidade da nossa visita, a gente tem que visitar um tanto de família para bater a meta e pronto. - Falou Carlos.

Sônia disse então como era na sua unidade:

- Veja, na minha unidade, a gente não senta com o enfermeiro, ele junta tudo sozinho. Mas, antes de entregar para ele, eu faço uma cópia no meu caderno por segurança e também aproveito para anotar outras informações que considero importante e não cabem na ficha. Temos uma salinha para o arquivo e, lá, somos nós mesmas, as ACS, que organizamos o arquivo. Temos um armário gaveteiro de arquivo para colocar o prontuário das famílias. Apesar da sala ser pequenininha, não fica bagunçado não.



Após Maria ouvir o relato de Sônia, desabafou:

- Poxa, legal. Eu sinto falta de tempo para conseguir analisar esses dados que a gente coleta sabe. Na minha unidade tínhamos um computador com internet, digitávamos o e-SUS direto lá e a secretaria recebia. Mas, vocês acreditam, que a unidade foi roubada e

levaram o computador, os cabos, a TV... Além disso, picharam toda a fachada. Muito triste isso.

Os três comentaram que tem um carro da secretaria que semanalmente passa nas unidades para pegar as fichas. Porém, quando o carro tá sem gasolina, ele só passa de 15 em 15 dias. Os três criticaram que quando mandam a ficha nunca mais tem de volta e não sabem para onde vai tanto dado. Eles só sabem que na Secretaria Municipal de Saúde tem uma salinha dos sistemas de informação, com uma digitadora, e é para lá que as fichas vão.

A digitadora chama-se Laura. Ela tinha uma colega que está afastada de licença maternidade, então, é ela, sozinha, que tem que digitar todas as fichas no sistema do e-SUS APS. Caso ela tenha dúvidas, tem uma referência técnica ligada diretamente à diretoria de Atenção Básica para ajudar. Esta profissional que é referência técnica é a responsável por analisar os dados e ver o que tem de “errado”. Laura diz que o trabalho é sempre muito e o que ela digita vai direto para o DataSUS e para a Secretaria Estadual de Saúde. Como a internet é inconstante, volta e meia as fichas acumulam-se em cima da sua mesa e pelo chão da sala.



EQUIPE DO PROJETO

Bianca Borges da Silva Leandro
Coordenadora - EPSJV/Fiocruz

José Mauro da Conceição Pinto
Coordenador - EPSJV/Fiocruz

Reinaldo de Araújo Dantas Lopes
EPSJV/Fiocruz

Juliana Felício Rangel
EPSJV/Fiocruz

Isabel Domingos Martinez dos Santos
ENSP/Fiocruz

Pedro Henrique Mattos Ferreira
EPSJV/Fiocruz

Fernanda do Nascimento Martins
EPSJV/Fiocruz

PROJETO GRÁFICO

Paulo Alan Deslandes Fragoso

✉ comunicacaofragoso@gmail.com

CONTATO

✉ bianca.leandro@fiocruz.br

✉ jose.mauro@fiocruz.br

☎ (21) 3865-9765



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, PORTARIA Nº 2.436, DE 21 DE SETEMBRO DE 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html Acesso em 20 mai 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde - ACS: diretrizes e orientações para a formação / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde. - Brasília : Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/curso_tecnico_acs_3educacao.pdf Acesso em 02 jun 2020.

CAVALCANTE, Ricardo B.; PINHEIRO, Marta M. K.; BERNARDES, Mariana F.V.G.; CUNHA, Simone G. S.; SANTOS, Camila S. Fluxo Informacional do Sistema de Informação da Atenção Básica: Vigilância e Centralização. R. Enferm. Cent. O. Min. 2011 out/dez; 1(4):523-536. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/4512/pdf_5634 Acesso em 20 mai 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e terra, 1993.

MOROSINI, Márcia Valéria; FONSECA, Angélica Ferreira. Configurações do Trabalho dos Agentes Comunitários na Atenção primária à Saúde: entre normas e práticas. IN: Atenção Primária à Saúde no Brasil: conceitos, práticas e pesquisa / Maria Helena Magalhães de Mendonça et al. - Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2018. (pp. 369-405).

NASCIMENTO, MA. J; SILVA C. N. M. Rodas de conversa e Oficinas Temáticas: Experiências Metodológicas de Ensino-Aprendizagem em Geografia. In: 10º ENCONTRO NACIONAL E PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, Anais. Porto Alegre, Set 2009.

ZITKOSKI, Jaime José; LEMES, Raquel Karpinski. O Tema Gerador Segundo Freire: base para a interdisciplinaridade. [s.d]. Disponível em: https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/zitkoski_lemes.pdf. Acesso em 23 mai 2020.

